

O QUE A GILLETTE DEIXA PARA TRÁS

(visto por quem volta a partir)

“Uma clínica cura os pacientes. Uma comunidade que cuida ampara as pessoas.”

I. O que resta

Eu estava na sala de recreação, aquela aberta aos pacientes para o descanso da tarde, o cigarro, a conversa — e a nós, acompanhantes, que esperávamos para levar nossos doentes de volta para casa.

Não estava inquieto, mas estava atento: a como uma pessoa se torna frágil dentro da doença, muitas vezes incapacitante e sem saída, uma doença que não olha a idade de ninguém.

Eram cinco homens e uma mulher, todos sentados em cadeiras de rodas. Viraram-se para mim e começaram a perguntar quantos anos eu tinha, em que trabalhava, com o que eu lidava, qual era a minha vocação; e por fim quiseram saber o que eu pensava sobre certas questões de política e de religião, e sobre algumas figuras públicas.

Tinham os olhos apagados, os olhos de quem só espera ver a luz se apagar. E eu, em vez disso, aquela luz, eu a reacendi.

É o meu jeito de estar com as pessoas: fazê-las sorrir. Não sou ator, nem bufão da clínica — só um homem como tantos, mas não tão comum quanto o pão.

Então me pediram uma história. E aqui preciso ser honesto com o leitor: a que contei não era uma piada educada, e eu não a teria contado em nenhum outro lugar. Mas ali, naquela sala, a permissão para rir do que a vida tinha tirado deles cabia a eles dar, a si mesmos. E eles me pediram. Por isso eu a relato como foi, porque limpá-la por inteiro seria traí-los.

Deixem eu contar — eu disse — a história de um homem em cadeira de rodas, sem braços e sem pernas, que um dia respondeu a um anúncio num site de relacionamentos.

E se alguém não sorrir, acrescentei, a culpa não é minha: só vai querer dizer que hoje não é o dia dele.

Uma mulher muito rica, já bem avançada em anos — por volta dos oitenta —, ajudada pela sobrinha de quarenta e cinco, procurava um marido. Mas, depois de tudo o que a vida lhe tinha ensinado, ela tinha ideias claras sobre o tipo de homem que queria: um que nunca levantasse a mão, um que ficasse em casa e — digamos — um homem de proporções generosas.

Bateram à porta. Ela deu de cara com esse homem em cadeira de rodas, sem braços e sem pernas, mas jovem e bonito, que vinha responder ao anúncio.

Ela o entrevistou.

Queria um homem que nunca levantasse a mão: e ele não tinha braços. Primeiro ponto a favor.

Queria um homem caseiro, sossegado: e ele estava sem pernas, na sua cadeira. Segundo ponto a favor.

E por fim ela disse que o queria bem-dotado. E ele, com toda a seriedade, respondeu: “Minha senhora… e com o que a senhora acha que eu bati na porta?”

Nesse ponto os cinco homens caíram na gargalhada, e não conseguiam parar. Mas a mulher continuou séria, impassível. E toda a minha atenção se voltou para ela.

Para ela eu não tinha uma segunda versão, não tinha preparado nada. Mas tive um estalo: disse que, se ela quisesse, eu lhe daria o número de telefone daquele candidato. Os olhos dela se acenderam, ela sorriu e disse: sim, sim.

Eu tinha arrancado um sorriso dela. Tinha alcançado o meu objetivo. Era tudo o que restava daquele momento — e bastava.

Quando saí da instituição, todos me perguntaram quando eu voltaria, e se eu tinha outras histórias.

II. Epílogo

As pessoas acreditam que o que resta é um prontuário, uma radiografia, uma terapia para continuar em casa ou um número de telefone rabiscado às pressas num pedaço de papel.

Estão enganadas.

Quando uma pessoa sai de uma instituição, não leva quase nada do que foi usado para curá-la.

Leva as pessoas.

Leva as vozes.

Os hábitos.

Os corredores.

Os horários.

Os rostos que durante semanas, ou durante meses, marcaram o tempo da sua vida.

A medicina fica nos arquivos.

A memória toma outro caminho.

E é dessa memória que eu quero falar.

III. Página do autor

Esta obra não foi encomendada.

Não foi vendida.

Não foi feita com fins comerciais.

Foi escrita para dar testemunho do valor da reabilitação, da dignidade humana e da relação entre as pessoas.

O único honorário pedido é um dólar simbólico — não como pagamento pela obra, mas como testemunho de um compromisso compartilhado com uma cultura do cuidado, da esperança e da responsabilidade.

Ferdinando